

Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

**Trabalho preparado para apresentação no IV Seminário
Discente da Pós-Graduação em Ciência Política da USP, de 07
a 11 de abril de 2014**

**MÉTODOS QUANTITATIVOS: AVALIANDO A PRODUÇÃO
RECENTE EM CIÊNCIA POLÍTICA NO BRASILEIRA**

Guilherme Jardim Duarte

Radamés Marques

Paulo César da Silva Flores

São Paulo

2014

MÉTODOS QUANTITATIVOS: AVALIANDO A PRODUÇÃO RECENTE EM CIÊNCIA POLÍTICA NO BRASILEIRA

Guilherme Jardim Duarte, Paulo César Flores, José Radamés Marques Miguel dos Anjos

RESUMO: O trabalho tem como objetivo avaliar o uso de métodos quantitativos em Ciência Política no Brasil. Tendo em vista os diagnósticos negativos de décadas anteriores, o trabalho pretende investigar como se encontra a sua situação atualmente. Para isso, realizamos um *survey* de publicações Qualis A1 e A2, para 2011, e verificamos a frequência de uso de métodos quantitativos e de técnicas específicas. Concluimos que houve um avanço no uso de métodos quantitativos no Brasil, entretanto há ainda um longo caminho a ser percorrido.

1. INTRODUÇÃO

O artigo pretende responder a seguinte questão: qual a posição atual dos métodos quantitativos na ciência política e relações internacionais no Brasil? O problema se justifica por uma série de motivos. A internacionalização da ciência política brasileira depende do desenvolvimento de métodos, uma vez que os padrões internacionais da área se compõe do uso frequente de técnicas como a regressão, experimentos, variáveis instrumentais, simulações de agentes, entre outros. Ao mesmo tempo, há uma certa hostilidade em relação a eles (SOARES, 2005, p. 27).

Tendo em vista essa necessidade de desenvolver o ensino de métodos quantitativos no Brasil, surgiram nas últimas décadas esforços para a criação de cursos e disciplinas que os abarcassem. Como exemplos, podemos citar o MQ-UFMG (Programa Intensivo de Metodologia Quantitativa da UFMG) e a IPSA-USP Summer School in São Paulo, que promovem cursos para suprir a demanda do ensino de técnicas, tanto quantitativas quanto qualitativas.

Os padrões brasileiros em relação a métodos nas décadas anteriores não era dos melhores. Nelson Valle Santos (1999), numa análise da Revista Brasileira de Ciências

Sociais, entre 1986 e 1999, para um total de 308 artigos, 85% não tinham nenhuma quantificação, 13% apresentavam distribuições de frequências e apenas 3% mostravam alguma análise.

Luiz Werneck Vianna e outros, analisando a produção de teses, entre 1990 e 1998, em ciências sociais para 7 instituições (M. Nacional, PUC-SP, UFRGS, UnB, Unicamp e USP), constataram uma quadro semelhante: da área de ciência política, apenas 11,4% apresentavam métodos quantitativos. Considerando apenas a USP, 17,7% utilizavam quantificações e do IUPERJ, 13,9% (VIANNA et al, 1998).

Vê-se claramente que a situação, no fim da década de 90, não era das melhores para os métodos quantitativos. O presente artigo visa realizar um levantamento de como se encontra essa situação hoje, analisando para isso as produções em revistas nacionais na área de Ciência Política e Relações Internacionais. Foram consultados artigos de revistas classificadas nos estratos A1 e A2 do Sistema Qualis, que constam do Apêndice A.

É importante alertar que por estarmos considerando apenas métodos quantitativos, isso não quer dizer que os vemos como superiores aos qualitativos. Focamos nesses apenas por uma questão de recorte. Uma pesquisa completa deveria também abarcar métodos qualitativos.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Das obras encontradas referentes à discussão que estudam a metodologia e as técnicas empregadas nas ciências sociais brasileiras, a maioria se concentra no fim da década de 90, como VIANNA et al (1998), SANTOS (1999) e SILVA e COUTINHO (2000). Esses trabalhos são bastante pessimistas em relação à produção analisada. Outro artigo posterior, também num tom pessimista, é o de SOARES (2005), que aponta os problemas da falta de habilidade metodológica dos professores brasileiros.

Além dessas, não foi encontrado nenhum trabalho que discute diretamente o tema.

Encontramos, porém, trabalhos que discutem a autonomia da produção científica em Sociologia (MARANHÃO, 2010) e um artigo que analisa a produção científica do campo da sociologia brasileira ante os critérios do CNPq e da Capes e investiga a

relação causal entre produção acadêmica e reputação dos pesquisadores brasileiros. Uma tabela que resume os trabalhos encontrados se encontra no Apêndice B

3. HIPÓTESE E OBJETIVO

O objetivo do trabalho é analisar a produção recente em ciência política, focada no ano de 2011.

Acreditamos que, ao contrário das evidências para o fim da década de 90, que mostram pouca quantificação, encontraremos um uso mais acentuado de métodos quantitativos atualmente. As razões para isso são os esforços para internacionalização da Ciência Política da última década. Entre eles, temos a criação de cursos e disciplinas com foco em métodos quantitativos.

Assim, esperamos encontrar uma maior porcentagem de artigos que fazem uso de métodos quantitativos. Também esperamos encontrar mais análises multivariadas e técnicas estatísticas sofisticadas.

4. METODOLOGIA

4.1 Fontes

Os dados que proporcionaram o alcance dos resultados foram coletados de periódicos brasileiros classificados nos estratos A1 e A2 do Sistema Qualis (Capes), publicados em 2011. O Sistema Qualis (Capes) é a maior referência de busca de periódicos científicos no Brasil. Tal sistema considera um número gigantesco de periódicos e os classifica de acordo com um certo “padrão de qualidade” dos artigos publicados. Desta forma, há parâmetro para que o leitor de artigos saiba não apenas o nome e histórico de pesquisas do autor, como também o histórico de publicações do periódico, a credibilidade e a criticidade – ou rigidez na seleção de quais artigos serão publicados – do núcleo editorial.

O critério utilizado para a seleção das revistas que entraram no banco de dados foi o registro na área de conhecimento “Ciência Política e Relações Internacionais”. A Capes cataloga os periódicos de acordo com as áreas de conhecimento e com formação dos autores. Isso significa que se, por exemplo, um geólogo publicar um artigo em uma

revista de “Astronomia/Física”, a revista que publicou o artigo será citada pelo Qualis tanto na categoria “Geociências” – área de formação do autor – quanto na categoria “Astronomia/Física” – área de conhecimento do periódico. Esse critério poderia trazer dificuldade para a coleta de dados: revistas de outras áreas de conhecimento são catalogadas em “Ciência Política e Relações Internacionais” e, eventualmente, autores de outras áreas de conhecimento seriam incluídos no banco de dados. Um dos exemplos é a *Brazilian Administration Review*. Ao longo de 2011, apenas um autor com doutorado em ciência política publicou nessa revista. Para solucionar essa distorção nos resultados, foi incluída no banco de dados a variável “Área de formação”. Desta forma, nenhuma revista inclusa na categoria “Ciência Política e Relações Internacionais” deixou de entrar no banco de dados, e o controle sobre a formação acadêmica do pesquisador foi mantida. Tal procedimento permitiu, também, que trabalhos realizados por mais de um autor de diferentes áreas de formação fossem identificados e apresentados como tais.

A primeira limitação assumida e relativamente evidente é a restrição que a temporalidade abordada impõe à realização de um diagnóstico amplo sobre a ciência política brasileira. O período selecionado é de extrema importância, representa uma imagem recente, de periódicos que ainda estão em atividade, possibilita comparação com artigos de propostas similares publicados em anos anteriores e, desta forma, a perspectiva dos rumos que estão sendo seguidos pela ciência política no Brasil.

A exclusão de revistas estrangeiras merece uma explicação. A tentativa de consultar apenas periódicos brasileiros denota uma preocupação de avaliar apenas o que se publica e produz nacionalmente. Consideramos que é bastante provável que pesquisadores brasileiros, sobretudo os que produzem mais artigos com predomínio de técnicas quantitativas, não publicar em revistas estrangeiras. A continuação da pesquisa pretende considerá-las.

A investigação do padrão de produção científica em humanas no Brasil é, ainda, um campo vasto a ser explorado e aberto a enormes contribuições. Melhorar a clareza acerca do terreno no qual caminhamos é, talvez, tão importante quanto refletir sobre as temáticas que ainda estão abertas a exploração. Tanto quanto buscar novos problemas de pesquisa e lacunas teóricas que propiciem novas pesquisas, é importante que possamos entender minimamente as abordagens comumente realizadas, a multiplicidade de técnicas disponíveis para que um mesmo fenômeno seja avaliado sob outra ótica, a imensurável contribuição (tanto teóricas, quanto metodológicas) que outras áreas de conhecimento podem trazer para a ciência política e, finalmente, a riqueza que confronto de abordagens, somado ao confronto de interpretações, no debate científico.

4.2 Variáveis

O banco de dados foi montado com 15 informações por artigo. São elas: ISSN da revista, nome da revista, estrato Qualis, nome do artigo, nome do autor, área de formação do autor, empírico ou não empírico, teoria e hipótese do artigo, utilização de modelos formais, abordagem descritiva, estudo causal, métodos qualitativos, métodos quantitativos, técnicas utilizadas (com a possibilidade de mais de uma técnica por artigo) e uso de simulações computacionais. A descrição de cada uma das variáveis é apresentada abaixo:

- ISSN: número único de identificação do periódico.
- Revista: nome do periódico de acordo com o Sistema Qualis.
- Estrato Qualis: estrato no qual o periódico está classificado no Sistema Qualis.
- Artigo: nome do artigo.
- Autor: nome do autor.
- Área de formação: área de conhecimento declarada pelo departamento no qual o pesquisador realizou a última graduação acadêmica, seja ela mestrado ou doutorado.
- Empírico: *dummy*. Indica se o objetivo do artigo é contribuir no debate de temática empírica, ou contribuição em debate teórico conceitual. Desta forma, artigos que tratem de reflexão teórica ou acerca de conceitos abstratos, ainda que utilizem referências pontuais a fenômenos empíricos, foram considerados como não empíricos. O foco do critério está associado ao objetivo do autor no artigo, não apenas à citação de algum evento ou ilustração empírica.
- Teorias e Hipótese do Artigo: apresenta, basicamente, o objetivo do artigo. No caso de estudos não causais, a variável apresenta a teoria que o pesquisador discute e a contribuição que pretende realizar para o debate. No caso de estudos causais, a variável apresenta a hipótese do artigo e onexo causal que o pesquisador pretende testar.
- Utilização de Modelos Teóricos Formais: trata-se de considerar modelos matemáticos para a teorização, sobretudo se envolverem teoria dos jogos ou simulações de agentes.

- Abordagem Descritiva: *dummy*. Receberam o conceito 1 (ocorre), os estudos que se propõem a analisar um fenômeno sem a pretensão de estabelecer modelos, qualitativos ou quantitativos, descritivos da ocorrência de tal fenômeno.

- Estudo Causal: *dummy*. Foram classificados como causais (1, ocorre), os artigos que propuseram, explicitamente, a dependência de ocorrência de um fenômeno a ocorrência, necessária, de outro fenômeno. A consideração explícita em termos de “Hipótese Nula” e “Hipótese Alternativa” não foi tomada como necessária, a declaração de que o artigo pretendia avaliar a causalidade entre dois eventos foi tomada como suficiente – traduzível em termos de que a ocorrência de Y depende da ocorrência de X. A flexibilização desse critério é absolutamente crucial para que estudos qualitativos pudessem ser incluídos na categoria “Estudo Causal”, tendo em vista que a pretensão analítica do autor foi tomada como critério mais determinante do que a relevância estatística garantida pelos modelos do estudo. É importante alertar que a tentativa de estabelecer separações entre pesquisas descritivas e causais pode levar a subjetividade, embora tenhamos tentado evitá-la.

- Métodos Qualitativos e Métodos Quantitativos: a utilização de métodos e metodologia quantitativa ou qualitativa não foram assumidas como mutuamente excludentes. Alguns dos estudos codificados no banco de dados apresentavam tanto abordagem quantitativa, quanto abordagem qualitativa. Nesses casos, foi registrado 1 (ocorrência) nos dois campos. O centro do critério para classificação foi a utilização deliberada, por parte do autor, de métodos qualitativos ou quantitativos de mensuração e análise do fenômeno. Se o artigo é empírico e há alguma espécie de quantificação, consideramos como quantitativo. Se o artigo envolve a análise em profundidade de fontes documentais, discursos e similares, adotamos como qualitativo.

- Técnicas Utilizadas: esse campo apresenta as técnicas utilizadas pelo pesquisador no artigo. Há dois campos “Técnicas Utilizadas”, permitindo que a utilização de diversas técnicas fosse computada e passível de análise.

- Uso de Simulações Computacionais: essa variável visa captar o uso de simulações para modelar fenômenos, como agent-based modeling. Não está claro se esse paradigma (em crescimento nos Estados Unidos) é utilizado no Brasil.

Duas variáveis merecem especial atenção neste estudo, pois são meios essenciais para o alcance de nossos objetivos propostos e embasaram o desdobramento das outras variáveis. “Métodos Quantitativos” e “Métodos Qualitativos” foram respondidos no *survey* como variáveis binárias, ou seja, a resposta era limitada a informar a ocorrência ou não da utilização de algum tipo desses métodos. A simples constatação de “sim” ou

“não” para o uso das técnicas, entretanto, poderia apresentar um quadro pouco fidedigno sobre a produção científica nas ciências sociais e, sobretudo, na ciência política, que é o principal objeto deste estudo. A multiplicidade de combinações proporcionada pela inclusão das variáveis secundárias formou o pano de fundo para que o esboço do quadro metodológico científico brasileiro ficasse mais claro.

Voltada para suprir o possível déficit das *dummys*, a variável “Técnicas Utilizadas” cataloga os procedimentos estatísticos utilizados pelo autor. Para cercar as possíveis abordagens quantitativas (o que não implica em “metodologia quantitativa”, conforme será explicado no próximo parágrafo), consideramos 7 técnicas:

- 0: Não Utiliza.

- 1: Estatística Simples. Tratamentos estatísticos descritivos foram considerados como “simples”, tais como, porcentagem, média, moda, mediana, variância, desvio padrão, cálculo de quartis, elaboração de boxplot e gráficos embasados nesse tipo de tratamento estatístico.

- 2: Regressão Linear (OLS). Utilização da técnica de mínimos quadrados ordinários para identificação de relação linear entre duas variáveis, embasada na fórmula genérica $Y = \alpha + \beta X$.

- 3: Regressões Não-lineares. A utilização de formas de análise observacionais em que os dados são modelados por uma função que é uma combinação não-linear uma forma de análise observacional em que os dados são modelados por uma função que é uma combinação não-linear de parâmetros.

- 4: Experimentos Naturais. São considerados os experimentos cujas condições não são manipuláveis pelo pesquisador, ou seja, há fatores exógenos ao experimento que influenciam o comportamento do sujeito ou grupo e que não podem ser controlados pelo pesquisador. Aqui também está incluído o uso de variáveis instrumentais.

- 5: Experimentos Controlados. Experimento com a utilização de dois grupos, um de tratamento e outro de controle, visando captar a diferença de efeito entre o grupo de tratamento – que recebe o estímulo na pesquisa –, do grupo de controle – que não recebe o estímulo ou recebe um estímulo inócuo, placebo.

- 6: *Time Series*. Cruzamento de dados em séries temporais apresentados explicitamente, seja por meio de tabelas, seja por meio de gráficos. A descrição de dados com a citação do ano correspondente ao ano, e sucessivas citações desse tipo, não foram considerados cruzamentos de dados em séries temporais. Para receber o cômputo desta técnica o

pesquisador deveria ter apresentado os dados de forma sistemática, relacionando a informação testada com o período correspondente.

- 7: Análise de Redes. Receberam o cômputo dessa técnica os estudos que propuseram o mapeamento explícito de redes de relacionamentos, interesses ou influência. Assim como no caso das séries temporais (técnica 6), só foram considerados os estudos que desenvolveram intencional, explícita e sistematicamente a análise de redes, a constatação de relacionamentos e comportamentos imbricados em fenômenos, sem a menção à técnica de análise de redes no corpo do texto, foi tratada como não representativa para o crédito dessa metodologia.

O número de periódicos brasileiros de “Ciência Política e Relações Internacionais” nos estratos A1 ou A2 é de 17, dos quais 10 estão classificados como A1 e os 7 demais como A2. A relação de periódicos consta no Apêndice A deste trabalho.

5. RESULTADOS

Dos artigos coletados, tivemos um total de 57,2% de artigos classificados como não-empíricos e 42,19% de empíricos. Considerando apenas autores com formação em Ciência Política ou Relações Internacionais, a frequência foi de 39% para não-empíricos contra 61% de empíricos.

A primeira informação que tiramos dos artigos corresponde a quantos dos coletados utilizaram métodos quantitativos e quantos utilizaram métodos qualitativos¹. Os dados são resumidos na tabela 1. Como podemos ver, 60% (48% + 12%) dos artigos de pesquisadores com formação em Ciência Política tiveram alguma quantificação. Para todos os artigos coletados, o valor corresponde a 46% (34% + 12%).

Tabela 1 – Métodos Quantitativos x Métodos Qualitativos

| | Apenas Ciência Política | Todos os artigos |
|--------------------------------------|-------------------------|------------------|
| Exclusivamente Métodos Quantitativos | 46 (48%) 38 (40%) | 73 (34%) |
| Exclusivamente Métodos Qualitativos | | 116 (54%) |
| Ambos quantitativos e qualitativos | 12 (12%) | 23 (12%) |
| TOTAL | 96 (100%) | 215 (100%) |

¹ Gláucio Soares alerta quanto aos métodos qualitativos, que nem todos os pesquisadores que declaram sua pesquisa qualitativa o são de fato. Em grande parte das vezes, são apenas anti-quantitativos. (SOARES, 2005).

Em um segundo momento, gostaríamos de saber a frequência para as técnicas utilizadas, em métodos quantitativos. A tabela 2 resume os dados:

Tabela 2 – Técnicas Utilizadas para Métodos Quantitativos

| | Apenas Ciência Política | (%) | Todos os artigos | (%) |
|------------------------------|-------------------------|---------|------------------|---------|
| 1 – Estatística Descritiva | 58 | 43,61% | 96 | 63,58% |
| 2 – Regressões Lineares | 57 | 42,86% | 38 | 25,17% |
| 3 – Regressões Não-Lineares | 17 | 12,78% | 15 | 9,93% |
| 4 – Experimentos Naturais | 0 | 0,00% | 0 | 0,00% |
| 5 – Experimentos Controlados | 0 | 0,00% | 0 | 0,00% |
| 6 – Time Series | 1 | 0,75% | 1 | 0,66% |
| 7 – Análise de Redes | 0 | 0,00% | 1 | 0,66% |
| | | 0,00% | | 0,00% |
| Total | 133 | 100,00% | 151 | 100,00% |

Como podemos notar, há um predomínio de técnicas estatísticas mais simples, embora para ciência política, haja um aumento na frequência para regressões lineares.

Dos artigos encontrados, nenhum utilizou modelos teóricos formais nem simulações de agentes.

Algo interessante encontrado também foram artigos que especificamente tratam de metodologia. Embora os tenhamos classificado como não-empíricos, acreditamos fortemente que esse tipo evidencia uma preocupação metodológica maior dentro da área. Por exemplo, o artigo “O uso de estudos de caso em pesquisas sobre política ambiental: vantagens e limitações”, de Andrea Steiner, encontrado na Revista de Sociologia e Política (STEINER, 2011), tem como objetivo discutir o papel do estudo de caso para questões ambientais em ciência política. Ainda outros artigos, embora não tenham como foco principal a discussão de métodos, mostram uma preocupação grande com o aspecto metodológico do trabalho.

6. CONCLUSÃO

Como notamos, tivemos uma frequência relativamente alta do uso de métodos quantitativos em Ciência Política, comparada com os resultados obtidos para os anos 90. Isso mostra que houve um avanço em seu uso. Entretanto, os resultados não

demonstram haver uma sofisticação dos métodos utilizados, isto é, é bastante provável que os pesquisadores não se sintam confortáveis para utilizar técnicas como regressões multivariadas, experimentos, modelos teóricos formais, simulações, entre outros. Isso mostra que ainda há um caminho a ser percorrido pela ciência política no Brasil.

A pesquisa sugere muitas outras questões que serão deixadas para uma pesquisa posterior. Entre elas, pretendemos analisar os artigos publicados por pesquisadores brasileiros em revistas estrangeiras. Consideramos que uma análise que abarque apenas as revistas brasileiras é de certa forma incompleta e merece uma ampliação.

Também pretendemos ampliar a base de dados para outros anos. Em um primeiro momento, para os anos entre 2000 e 2010. É importante a consecução desse novo projeto para que possamos ter mais informações sobre como evoluiu a pesquisa em ciência política no período. Pretendemos também uma diversificação da classificação das técnicas utilizadas. Talvez a utilizada no trabalho tenha sido suficiente e não tenha considerado métodos como estimação de ponto ideal em Congressos e Cortes e análises bayesianas. É possível que haja um crescimento dessas análises sobretudo para artigos publicados em periódicos estrangeiros.

Gostaríamos de realizar uma análise de específica do crescimento de artigos focados na discussão de métodos e técnicas. Os dados mostraram que muitos dos trabalhos possuíam esse foco. Também é importante tentar classificar quais dos trabalhos discutem criticamente aspectos metodológicos de seus trabalhos.

Por fim, seria importante realizar uma análise comparativa com a produção de outros países.

BIBLIOGRAFIA

CAFÉ, Anderson Luis da Paixão. **A produção científica do campo da sociologia brasileira face aos critérios de avaliação do CNPq e da Capes: 2007-2009.** Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012.

MARANHÃO, Tatiana Pinho Albuquerque. **Autonomia Reflexiva e Produção do Conhecimento Científico: o campo da Sociologia no Brasil (1999-2008).** Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

SOARES, Gláucio. **O calcanhar metodológico da ciência política no Brasil.**

Santos, Maria Helena, COUTINHO, Marcelo. “Política comparada: estado das artes e perspectivas no Brasil”, *BIB*, 54, 2.º semestre de 2000, pp. 3-146.

Valle Silva, Nelson (1999), *Relatório de Consultoria sobre Melhoria do Treinamento em Ciência Social Quantitativa e Aplicada no Brasil*, Rio de Janeiro, Laboratório Nacional de Computação Científica, 15 de Abril de 1999, 22 pág.

Vianna, Luiz Werneck, e outros (1998), “Doutores e teses em ciências sociais”, *Dados*, 41 (3), pp. 453-515.

APÊNDICE A – Revistas utilizadas para a coletados

| | ISSN | Título do Periódico | Edição (Volume e Número) |
|------------|-----------|--|--|
| Estrato A1 | 0011-5258 | Dados | Vol. 54 n. 1; Vol. 54 n. 2; Vol. 54 n. 3; Vol. 54 n. 4 |
| | 0034-7329 | Revista Brasileira de Política Internacional | Vol. 54 n. 1; Vol. 54 n. 2; |
| | 0102-6909 | Revista Brasileira de Ciências Sociais | Vol. 25, n. 75; Vol. 25, n. 76; Vol. 25, n. 77 |
| | 0104-6276 | Opinião Pública | Vol. 17, n. 1; Vol. 17, n. 2 |
| | 1234-0987 | Brazilian Review of Social Sciences | ???? |
| Estrato A2 | 0034-7612 | Revista de Administração Pública | Vol. 45, n. 1; Vol. 45, n. 2; Vol. 45, n. 3, Vol. 45, n. 4, Vol. 45, n. 5, Vol. 45, n. 6 |
| | 0101-3157 | Revista de Economia Política | Vol. 31, n. 1; Vol. 31, n. 2; Vol. 31, n. 3; Vol. 31, n. 4, Vol. 31, n. 5 |
| | 0102-6445 | Lua Nova | N. 82; N. 83; N. 84 |
| | 0102-8529 | Contexto Internacional | Vol. 33, 1; Vol. 33, 2 |
| | 1678-9873 | Revista de Sociologia e Política | Vol. 19, n. 38; Vol. 19, n. 39; Vol. 19, n. 40 |
| | 1806-9592 | Estudos Avançados | Vol. 25, n. 71; Vol. 25, n. 72 |
| | 1807-7692 | Brazilian Administration Review | Vol. 8, n. 1; Vol. 8, n. 2; Vol. 8, n. 3; Vol. 8, n. 4 |
| | 1981-3821 | Brazilian Political Science Review | Vol. 5, n. 1; Vol. 5, n2 |

APÊNDICE B – REVISÃO DE LITERATURA

| | | |
|--|--|--|
| <p><i>O calcanhar metodológico da Ciência Política no Brasil</i></p> | <p>Autor: Glaucio Soares</p> | <p>O artigo parte da análise da rejeição à utilização de métodos quantitativos na Ciência Política brasileira, ao passo que esta rejeição não se reflete na utilização de metodologia qualitativa de qualidade, pelo contrário, foi acompanhada por um descaso com o rigor metodológico necessário para qualquer trabalho que se pretenda científico. Soares afirma que a mudança deste quadro passa necessariamente por uma modificação da formação dos docentes na área, para que se sejam preparados não apenas para lecionar, mas, sobretudo, para pesquisar.</p> |
| <p><i>Doutores e Teses em Ciências Sociais</i></p> | <p>Autores: Luiz Werneck Vianna Maria Alice Rezende de Carvalho Manuel Palacios Cunha Melo Marcelo Baumann Burgos</p> | <p>Os autores traçam um perfil otimista da produção acadêmica dos programas de pós-graduação em Ciências Sociais no Brasil. Esta produção tem sido marcada por uma grande variedade temática, que segundo os autores tem abarcado todas as áreas sensíveis da ordem social e política brasileira, e também por uma acentuada especialização nos temas em torno dos quais os departamentos costumam montar seus programas. Esta especialização, entretanto, não tem resultado em insulamento acadêmico, embora os autores tomem a questão da integração entre academia e sociedade como um dos desafios dessa nova geração de cientistas sociais.</p> |
| <p><i>A produção científica do campo da sociologia brasileira face aos critérios de avaliação do CNPq e da Capes: 2007-2009</i></p> | <p>Anderson Luis da Paixão Café</p> | <p>O trabalho pretende verificar se os critérios estabelecidos pela Capes e pelo CNPq para avaliar os pesquisadores da sociologia brasileira são realmente efetivos no sentido de atribuir capital simbólico e reputação acadêmica. Os resultados dão conta de que há correlação entre os critérios de avaliação da produção científica da Capes e do CNPq. Entretanto, verificou-se também que a progressão na carreira também tem ocorrido de forma descolada do sistema de reputação da Capes/CNPq, principalmente no tocante à produção acadêmica. Nesse sentido, há indícios de que elementos de ordem subjetiva e de difícil mensuração têm atuado para permitir que sociólogos avancem na carreira sem depender do sistema de reputação Capes/CNPq.</p> |

| | | |
|---|--|--|
| <p><i>Política comparada: estado das artes e perspectivas no Brasil</i></p> | <p>Autores: Maria Helena Santos, Marcelo Coutinho</p> | <p>O trabalho analisa 955 teses defendidas no período de 1985 a 2000 a fim de fazer uma análise dos estudos que diziam comparativos. O resultado foi que, levando-se em conta que estudos comparativos são aqueles que mais de dois países, apenas 3% dos estudos nos dez centros de pós-graduação registradas na área de Ciência Política da Capes realmente se inseriam no que se entende por estudo comparativo, e nenhuma delas se utilizava de metodologia quantitativa.</p> |
| <p><i>Autonomia reflexiva e produção do conhecimento científico : o campo da sociologia no Brasil (1999-2008)</i></p> | <p>Autores: Tatiana de Pino Albuquerque Maranhão</p> | <p>O trabalho se propõe a mapear e analisar a produção sociológica a partir de publicações de livros, artigos e projetos que receberam fomento federal, a fim de verificar os temas em torno dos quais orbita as produções sociológica e política brasileira. Os resultados indicam dois conjuntos de temas: um em que as frequências desses temas se assemelham nas duas agendas - economia, meio ambiente, pobreza e desigualdade, globalização e regionalização, campo e ruralidade, violência e segurança pública e gênero – e outro em que as abordagens são distintas nas duas agendas: cidadania e movimentos sociais.</p> |
| <p><i>Relatório de Consultoria sobre Melhoria do Treinamento em Ciência Social Quantitativa e Aplicada no Brasil</i></p> | <p>Autores: Nelson do Valle Silva</p> | <p>O trabalho faz um levantamento dos artigos publicados na Revista Brasileira de Ciências Sociais, editada pela ANPOCS. Ele dá conta de que dos 308 artigos publicados pela revista, 85% não tinha qualquer análise quantitativa, 13% se baseava apenas em distribuições de frequência e menos de 3% dos artigos tinha alguma análise quantitativa de fato. Uma verificação da autoria dos artigos com análise quantitativa traça um quadro bastante pessimista da formação metodológica brasileira. À exceção de um autor, todos ou tinham feito pós-graduação nos Estados Unidos, ou era professores de universidades americanas.</p> |